



## A técnica como modo de existência: um diálogo entre as ideias de Latour e Simondon

The technique as a mode of existence: a dialogue between Latour and Simondon's ideas

**Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo**  
Universidade Federal de São João del-Rei

**Márcia Oliveira Moraes**  
Universidade Federal Fluminense  
Brasil

### Resumo

Este artigo estabelece um diálogo entre as ideias de Simondon e de Latour tomando como foco o modo de existência das técnicas. Através do rastreamento de material disponível na rede mundial de computadores por chaves de acesso, foram reunidas publicações dos dois autores e de alguns de seus comentadores a fim de buscar analogias e tensões entre os dois conjuntos de ideias em torno da temática da técnica. O artigo descreve as categorias que emergiram dessa organização. Apresentamos argumentos que justificam retomar hoje as ideias de Simondon, problematizamos os modos de existência e a lógica das preposições segundo os autores convocados por Latour e levantamos alguns conceitos chave na obra de Simondon. Identificamos a herança de Simondon no pensamento de Latour ao longo de todo este estudo e, na última parte, em especial, dedicamo-nos a tecer esse diálogo possível ainda que ficcional entre os autores no que concerne à maneira de conceber não apenas as técnicas como um dos modos de existência, mas na perspectiva de uma pluralidade ontológica preconizada por ambos.

**Palavras-chave:** Simondon; Latour; modos de existência; técnica

### Abstract

This article seeks to establish a dialogue between the ideas of Simondon and Latour, focusing on the mode of existence of the techniques. By tracking material available on the World Wide Web by access keys, the two authors and some of their commentators' publications have been brought together so we could add elements to this construction through analogies and tensions between the two sets of ideas around the theme of the technique. The article describes the categories which emerged from that organization. We present arguments which justify Simondon ideas today, problematize the modes of existence and the logic of prepositions according the authors summoned by Latour and raise some key concepts in the work of Simondon. We identify the Simondon heritage in the thought of Latour throughout the study and, especially, in the last part, we dedicate ourselves to weave this possible dialogue, even if fictional, between authors, regarding how to conceive not only the technique, but also one of the modes of existence, but in the perspective of an ontological plurality advocated by both.

**Keywords:** Simondon; Latour; modes of existence; technique



## Introdução

Este estudo foi feito predominantemente a partir da rastreabilidade e da agregabilidade de trabalhos disseminados nos meios digitais, estratégias preconizadas por Venturini (2010) e pela Teoria Ator-Rede para mapear controvérsias e seguir seus atores, que se valem das prerrogativas oferecidas pela internet como espaço de acumulação e circulação de informações democratizando hoje o acesso ao conhecimento<sup>1</sup>. Tomando como foco principal o modo de existência das técnicas, buscamos rastrear e identificar em sites acadêmicos, através de chaves de acesso envolvendo *Latour e Simondon* e sua relação com o estudo da técnica, trabalhos onde podíamos encontrar pontos que faziam alusão a um diálogo possível entre os autores. Como disparador da discussão, tomamos partes do último livro de Latour (2012), *Enquête sur les modes d'existence. Une anthropologie des modernes*, ainda não traduzido para o português, entre outros trabalhos do mesmo autor já conhecidos por nós, e algumas das obras de Simondon disponíveis em versão digital. Foram eleitos para análise, além do livro *El modo de existencia de los objetos tecnicos* (MEOT, como o chamaremos doravante), outros trabalhos de Simondon (2003, 1958/2005) disponíveis em português. A rastreabilidade, conforme Venturini (2010), significa mobilizar a realidade disponível e convertê-la numa peça de escrita, produzindo inscrições e relatos sobre fenômenos, embora só seja útil se houver agregabilidade, operação que mostra a informação de forma condensada, traduzindo-a para que alguns elementos possam ser representativos de outros. A agregabilidade, neste processo, se fez como resultado da busca por analogias e tensões entre os dois conjuntos de ideias em torno da temática da técnica, buscando mais as aproximações que as divergências, tomando como cuidado ético o respeito pelas especificidades do pensamento de cada autor. Outros autores (Massumi, 2012; Iliadis, 2013a e 2013b; Rodriguez, 1958/2007; Sarro, 2000; Pelbart & Costa, 2003; Neves, 2007; Lemos, 2013; Laterce, 2007; Hui, 2013; Escossia, 2012; Deleuze, 2008; Corbanezi, 2012; Andrade, 2006) participaram dessa tradução oferecendo suas versões sobre uma das obras em foco, sobre ambas, ou sobre a temática da técnica. O artigo se caracteriza pela tessitura desses vários trabalhos, em tom ensaístico, uma vez que se faz a revelia dos dois autores em foco e devido ao fato de que o nosso entendimento das ideias apresentadas deve ser colocado à prova e ganhar densidade com um mergulho mais profundo nos conceitos recrutados nas duas obras, sempre em movimento, pelo que seus leitores e seguidores fazem com elas. Como

---

1 A cartografia das controvérsias foi introduzida por Bruno Latour, na busca por traduzir didaticamente o exercício de cartografar um social em movimento proposto pela Teoria Ator-Rede. A abordagem evoluiu para uma pesquisa ampla de métodos nas discussões ocorridas no projeto europeu MACOSPOL (MAPPING Controversies in Science and Technology for POLitics), consórcio que reúne oito universidades europeias e centros de pesquisa. Além de mapear debates públicos, os pesquisadores são encorajados a "multiplicar pontos de vista e perspectivas, a contrastar noções e metodologias, a explorar o social onde ele se torna mais complicado" (Venturini, 2010, p. 2).



resultado dos movimentos de rastreabilidade e agregabilidade sobre o material, formulamos a proposta de organizar o artigo como se segue.

### **Por que Simondon hoje?**

Em inúmeras referências (Massumi, 2012; Iliadis, 2013a e 2013b; Rodriguez, 1958/2007; Sarro, 2000), é consensual a avaliação de que a obra de Simondon é mal conhecida e subestimada, apesar de sua influência ser constatada nas correntes contemporâneas que buscam desconstruir a maneira hegemônica de compreender o mundo. Na década de 50 do século XX, Simondon já assumia em seus trabalhos a crítica em relação à tradição dualista do pensamento ocidental moderno que fundou dualismos como indivíduo/sociedade, homem/máquina ou natureza/cultura (Pelbart & Costa, 2003; Levy, 2003).

Simondon passa a ter, atualmente, um sentido e uma importância que não poderia ter alcançado em sua época, especialmente nas reflexões sobre as mudanças vividas nos séculos 20 e 21. Nascidas em um contexto pouco receptivo, tendo as ciências duras de um lado e as humanidades e ciências sociais de outro, as ideias simondonianas encontram um clima propício à sua redescoberta. Com o surgimento de campos interdisciplinares coincidindo com uma preocupação crescente em um mundo redesenhado cultural, social e economicamente pelas tecnologias digitais, Simondon nos ajuda a compreender assuntos extremamente contemporâneos como as nossas relações com a tecnologia e desta com a nossa identidade. A tecnologia passou a ser vista como um fator constitutivo na vida humana, na vida em si mesma, estando diretamente relacionada à constituição do ser, a uma ontologia. O trabalho de Simondon antecipou essa discussão com o conceito chave de individuação, valorizando o processo de tornar-se, em detrimento dos estados substantivos dos seres vivos ou não vivos de onde partiam as análises feitas pelos modernos.

As concepções de Simondon aparecem no campo da sociologia da inovação e, ainda que não explicitamente, na abordagem da Teoria Ator-Rede também conhecida como sociologia da tradução, com base no interesse por descrever as inovações científicas assim como as relações de força que se manifestam durante os processos de inovação. Simondon e Latour são autores que se destacam na problematização dos rumos que as relações entre humanos e tecnologia assumem contemporaneamente assim como oferecem argumentos consistentes no que se refere ao estudo das inovações e das incertezas sobre as práticas tecnológicas (Andrade, 2006). O que marca um diferencial em Simondon e enfatiza sua influência sobre as atuais correntes de pensamento é que ele vê a técnica como uma mediadora entre homens e entre estes e a natureza, mais que uma ferramenta ou um instrumento a serviço de alguma ideologia (Escóssia, 2012). Com uma visão ao mesmo tempo antropológica e genética, Simondon defende uma ontologia para os objetos e outros seres não técnicos, como os da magia, da religião, da estética. Onde anteriormente as



correntes de pensamento apresentavam resistências e desconsideravam as suas ideias, Latour (2007; 2012) encontra potencial para conectá-las na elaboração de uma antropologia simétrica, empreendimento que ultrapassa a análise apenas dirigida aos objetos técnicos.

Para Massumi (2012), hoje temos as condições propícias para que as ideias de Simondon tenham aceitação e para que façam sentido numa perspectiva inventivista, referindo-se às novas formas de construtivismo que privilegiam a noção de invenção. O pensamento de Simondon não pode ser considerado apenas em relação às técnicas: ele se estende à individuação física, vital e psíquica, do entendimento destes modos de individuação uns em relação aos outros, pois no contexto de sua filosofia, um necessariamente invoca o outro, concepção que interessa particularmente à Psicologia.

### **Os modos de existência, a lógica das preposições e os autores convocados por Latour.**

Em seu último livro, Latour (2012) se pergunta: se jamais fomos modernos, no que então nos tornamos? Onde chegamos? Herdeiros de quem somos, afinal? Num artigo onde comenta sobre os modos de existência (Latour, 2007), circunscreve a modernidade como um período entre Galileu e Locke caracterizado por dois traços: 1. pela certeza de que o mundo podia ser dividido por qualidades primárias - aquelas próprias daquilo que constitui a natureza, e qualidades secundárias - as que eram percebidas, mediadas pelas experiências do conhecedor e portanto híbridas; 2. pela confusão feita incessantemente pelos modernos entre esses dois conjuntos de coisas, impondo a necessidade de purificação, movimento que Whitehead nomeou de “bifurcação da natureza” e que levou a outras divisões, instalando um vício que instituiu maneiras de pensar dicotômicas, deixando conhecedor de um lado e realidade conhecida de outro. Para ilustrar esse purismo e, ao mesmo tempo, esse hibridismo, praticados pelos modernos, menciona um manuscrito de Galileu, datado de 1610 onde constava no alto uma aquarela da lua vista de um telescópio e, embaixo, o horóscopo de Médicis calculado por ele mesmo, misturando o que seria entendido como um saber científico com outro desprovido de cientificidade. Para superar o que considerou uma maneira insustentável de separar a objetividade da subjetividade, ele busca, na filosofia, pensadores que possam nos resgatar da situação em que os modernos nos colocaram quando separaram as qualidades primárias das secundárias, quando falavam uma coisa e faziam outra. Traz William James como aquele que, ao invés de pensar nas essências agrupadas em apenas dois conjuntos, nos convida a pensar nas relações com as preposições ao invés de com os substantivos. O empirismo radical de James coloca para a filosofia uma questão que Latour (2007) considera, ao mesmo tempo, muito antiga e muito nova:

Se as relações e em particular as preposições nos são dadas na experiência, onde então elas nos conduzem? Seu desenvolvimento nos permitiria recolocar a questão do conhecimento de uma forma completamente



diferente? Podemos colocar fim à bifurcação da natureza? Para dizê-lo ainda mais simplesmente: podemos conseguir que a filosofia se coloque a contar, para além de um, de dois - sujeito e objeto - ou mesmo de três, sujeito, objeto, superação do sujeito e objeto? (p. 4)

Essas são as questões que inspiram Latour a seguir o pragmatismo de James e a filosofia especulativa de Whitehead para defender, ao invés da linguagem dos substantivos, a linguagem das preposições (*e, por, se, ou, então, pois*), uma vez que são esses conectores que invertem a lógica do essencialismo e nos conduzem às várias possibilidades de ser na conexão com outros.

As preposições também assumem um papel de importância na perspectiva ontogenética de Simondon, considerado um pensador dos processos e relações: são utilizadas para dissolver as oposições instaladas não só pela instrumentalidade racional, mas para rever a relação do homem com as técnicas. Segundo Simondon, o homem não estaria numa posição nem *sob*, nem *sobre* os objetos técnicos, mas *entre* eles (Corbanezi, 2012), como mais um a trocar com eles propriedades e a fazer parcerias.

Latour define as preposições como chaves para entender os modos de existência, como aquilo que precede uma tomada de posição, como uma pré posição, sempre atualizada nas conexões que nos fazem existir e que nos predispõem para agir. Busca em dois livros praticamente desconhecidos - ou esquecidos, segundo suas palavras - as bases para propor diferentes modos de existência. Poderíamos dizer que seu novo livro, na tentativa de mapear esses diferentes modos de existir, seria um herdeiro legítimo de dois outros: *Du mode d'existence des objets techniques* (MEOT), escrito em 1958 por Gilbert Simondon e de *Les différents modes d'existence* que Étienne Souriau escreveu no ano de 1943, em plena guerra (Souriau 1943/2009).

Étienne Souriau é um dos filósofos convocados por Latour para pensar uma filosofia das preposições, colocando aos modernos a inquietante questão: de quantas maneiras diferentes pode um ser existir? Para Souriau (1943/2009), a preposição prepara uma posição em relação ao que se segue e a utiliza como sinônimo de modo de existência. É com a ideia de instauração - que Souriau toma para descrever como surge uma obra de arte - que se torna mais clara a maneira como os seres chegam a existir. Na instauração, o fim não está de antemão dado ou previsto. Trata-se de um risco a correr, de uma descoberta, de uma invenção, processo que não emana de um criador, mas da convergência entre as várias instâncias que participam de uma criação. Latour destaca que o que encanta Souriau na emergência de uma obra de arte é a mesma condição que o fascina num laboratório: o fazer fazer, o que faz existir, o desdobramento da ação pelo artista ou pelo pesquisador, como a obra ou o fato vão ganhando sua autonomia. Diz o autor que, apesar de os verbos *construir* e *instaurar* serem sinônimos, construir pressupõe a ação exclusiva de um criador, enquanto instaurar nos remete a um ator que acolhe, que reúne, que prepara, explora, inventa. Não há



uma construção do nada, uma vez que tanto obras como fatos resistem e obrigam os humanos a se dedicarem a essa fabricação. A ideia de instauração faz toda a diferença porque não estaremos mais falando de algo ou alguém que seria a origem da ação cujo efeito estaria projetado sobre uma matéria que não teria outro estatuto ontológico senão aquele de aceitar com passividade o que lhes quiséssemos atribuir. Quando Latour (2007; 2012) fala de um modo de existir, não se trata mais de modalizar sobre um único e mesmo ser, mas sobre as diferentes maneiras que tem um ser de se alterar, de ser outro, de ser enquanto outro. Algo análogo defende Simondon com o conceito de individuação para o vivo e o de concretização para os objetos técnicos.

### **Individuação, concretização e outras chaves para entender a obra de Simondon**

Simondon questiona o que tradicionalmente tem sido conceituado como indivíduo. A partir de uma concepção substancialista, Platão considerava o indivíduo como uma essência pré-existente; Aristóteles, a partir de uma concepção hilemórfica, definia o indivíduo como o encontro da forma com matéria, ambos deixando o conceito de indivíduo como dado *a priori*. Simondon se coloca tanto contra o substancialismo como contra o hilemorfismo para propor o estudo não do indivíduo, mas de como algo ou alguém se individualiza, deslocando o foco do produto para o processo. Segundo Simondon (1958/2005), devemos entender “o indivíduo através da individuação, mais que a individuação a partir do indivíduo” (p. 24).

O conceito de individuação de Simondon atinge várias instâncias como matéria, vida, espírito, sociedade, objetos técnicos, alcançando domínios respectivos: físico, biológico, psíquico, coletivo e técnico. O conceito é tratado de forma mais profunda no livro *L'individuation psychique et collective* (Simondon, 1989), mas também aparece em outras obras como *La individuation à lumière des notions de forme et d' information* (Simondon, 1958), tese principal do doutoramento de Simondon da qual MEOT, livro ao qual dedicamos o foco de nosso estudo, é a tese secundária. Simondon problematiza a individuação do ser vivo como um devir, uma dimensão vital do ser que comporta tensões e sua busca de resolução num sistema metaestável. Simondon defende a metaestabilidade - um tipo de estabilidade que não exclui o devir - para rejeitar a ideia de estabilidade que remeteria à paralisia e à morte, assim como a de instabilidade que levaria à decomposição e à incapacidade de preservar (Laterce, 2007). Conceito herdado da termodinâmica e da biologia, a metaestabilidade significa a perda de estabilidade através de várias perturbações, um estado de tensão/contradição cheio de energia potencial que caracteriza o estado pré-individual como um reservatório disponível para novas transformações e novos processos de individuação. A condição para a individuação é um sistema metaestável reconhecido pela existência de uma





"disparação"<sup>2</sup>, ou seja, quando há duas escalas de realidades díspares que ainda não se comunicam e só mais tarde entrarão em comunicação.

Citando Simondon (1958/2005):

o ser vivo resulta de problemas, não somente se adaptando, ou seja, modificando sua ação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas modificando a si mesmo, inventado estruturas internas novas, introduzindo-se completamente na axiomática dos problemas vitais (...). O ser vivo é agente e teatro de individuação; seu devir é uma individuação permanente, ou melhor, uma sequência de acessos de individuação, avançando de metaestabilidade em metaestabilidade (pp. 5-6).

A lógica do ser fasado, aquele que evolui por fases, não só é aplicável ao humano, mas é expandida a outros os modos de existir num processo que é feito por saltos e rupturas. No ser vivo, dimensões heterogêneas do ser que se tornam incompatíveis impõem uma recomposição. A individuação como solução de uma situação problemática se faz de duas formas: pela ressonância interna que é "o modo mais primitivo de comunicação entre realidades de ordem diferente", ou seja, de como duas instâncias repercutem uma na outra, afetando-se mutuamente; e como informação que "estabelece uma comunicação entre dois níveis díspares, um definido por uma forma já contida no receptor, o outro definido por um sinal trazido do exterior" (Deleuze, 2008, p. 4).

E o que Simondon elabora é toda uma ontologia segundo a qual o Ser nunca é Uno: pré-individual, ele é mais que metaestável, superposto, simultâneo a si mesmo; individuado, ele ainda é múltiplo porque "polifasado", "fase do devir que conduzirá a novas operações" (Deleuze, 2008, p. 7).

A informação tem um papel crucial na ontologia de Simondon, uma vez que é entendida como a comunicação entre duas realidades diferentes, não ocorre numa realidade homogênea e se dá não em termos de conteúdos a serem transmitidos, mas em termos de códigos intercambiados entre sistemas informacionais em discrepância que podem compor modos de existência variados, individuados ou em processo de individuação. A informação entendida como um código é uma ferramenta para converter a discrepância entre sistemas díspares em algo inteiramente novo que emerge desse encontro. Para Simondon, a individuação é a busca de resolução de tensões existenciais e a informação é a fórmula da individuação, deixando para trás as especulações filosóficas sobre a separação entre matéria e forma, sujeito e objeto (Iliadis, 2013a). Desta forma, coloca ênfase nas conexões e não em polos, tal como defendido por Latour (2010): "sujeito e objeto - longe de estarem no início da reflexão como dois ganchos essenciais aos quais é apropriado amarrar a rede para que o filósofo seja capaz de dormir - são apenas os efeitos tardios da verdadeira história dos modos

---

2 A palavra *disparation* também pode ser traduzida por discrepância ou diferença.



de existência<sup>3</sup> (pp. 15-16).

Um indivíduo não pode ser entendido como um ser isolado e só faz sentido em contraste com outros indivíduos, em relação ao meio com o qual está em conexão ou do qual emerge. Pensar a individuação não tendo como pivô apenas o humano, num processo dinâmico e contínuo que também é característica de como se individualiza a matéria no mundo vivo nos abre perspectivas para a pluralidade ontológica defendida por Latour (2012). Segundo Rodriguez (1958/2007), autor do prólogo da versão espanhola de MEOT, o processo de individuar-se não cessa e aponta para uma diferenciação constante. No mesmo sentido dessa afirmação, a suposta interioridade dos sujeitos é problematizada por Latour (2006) como o trabalho de um fluxo de entidades que permitem a sua existência. A ideia de que existir é diferir de Gabriel Tarde, usada para defender esse trabalho de fabricação de cada sujeito a partir das várias conexões que estabelece, está em consonância com a lógica de uma diferenciação constante. Em ambos os autores, não existe um sujeito isolado, pois sua construção estará atrelada a muitos outros elementos subjetivadores (Latour, 2006) ou a como os indivíduos tramam a rede do transindividual num coletivo<sup>4</sup> conforme Simondon.

Individuação é, portanto, o processo em que um ser pré-individual se desdobra num indivíduo e em seu meio associado. Segundo Massumi (2012), meio associado é um conceito simondoniano entendido equivocadamente como meio ambiente, referindo-se ao espaço que envolve a fronteira de um objeto técnico ou à membrana de um organismo. O autor pondera que não se trata de um conceito espacial, mas a um regime de transferência de energia entre o ser e seu ambiente através de suas fronteiras fazendo com que o objeto alcance autonomia. Não se trata de explicar o indivíduo a partir do meio associado, mas de explicar ambos a partir de uma realidade pré-individual. Para o ser vivo, o meio associado é um polo permanente de trocas, enquanto que para o ser psicossocial o meio associado é o coletivo, o grupo ao qual a personalidade do indivíduo é coextensiva.

A transdução, outro conceito chave, é a individuação se fazendo, uma propagação de energia ponto por ponto na estruturação de um domínio (Simondon, 1958/2005). Não é uma operação que se limita ao domínio físico/material, apesar de sua inspiração estar claramente fundada em processos da física. A relação que o humano estabelece com as máquinas, por exemplo, seria uma forma de transdução, pois esta necessariamente pressupõe a proliferação de elementos, objetos e sistemas técnicos (Rodriguez, 1958/2007). O autor realça a ideia de que a transdução é a capacidade de qualquer ser vivo, em especial, o humano, de relacionar o atual e o virtual, através de "transduções muito variadas de matéria, de energia, de capacidades corporais, de imaginação" (p. 13). A transdução é um processo de mediação e

---

3 Estas e outras citações em português dos trechos das obras não traduzidas dos autores em foco são de nossa responsabilidade.

4 Entendemos que coletivo para Simondon é o que atinge a todos os seres. Em Latour, coletivo é usado para definir a reunião de humanos e não humanos.





opera numa margem de indeterminação entre dois domínios. Simondon generaliza essa noção e a usa para descrever seres o mais diversos: seres vivos, máquinas, cristais, enfim para a pluralidade de seres que se individualizam.

A ideia de transdução, a individualização em progresso, nas palavras de Rodriguez (1958/2007),

designa a transformação de um tipo de sinal em outro distinto, seja no nível biológico como no nível tecnológico [...] A transdução tem um tanto de transmissão e outro de tradução, algo de um deslocamento no tempo e no espaço e outro tanto da passagem de um registro a outro; só que se trata de um transporte em que o transportado resulta transformado<sup>5</sup> (pp. 12-13).

Guardadas as diferenças, a transdução como definida por Rodriguez poderia ser compatibilizada com o conceito de tradução, caro à Teoria Ator-Rede também conhecida como sociologia da tradução. Esse conceito foi herdado por Latour do filósofo Michel Serres (1999) e também remete às passagens, aos deslocamentos e às conexões entre domínios, comportando um ato de invenção, uma vez que não se trata de apenas passar de uma linguagem a outra, de um código a outro. Há, na tradução, um processo de mediação, de transporte entre entidades, enfatizando um trabalho de fronteiras onde ocorrem negociações e de onde as entidades, ao entrarem em contato e se afetarem mutuamente, não saem da mesma forma como entraram devido às novas conexões que resultaram num processo de diferenciação.

Simondon defende a relação entre o homem e suas máquinas como uma forma de transdução em nível humano, psíquico e coletivo, ideia que consideramos análoga à proposição de Latour (1996; 1999) para a relação do humano com as tecnologias, não como extensões ou próteses, mas como multiplicadoras das possibilidades dos humanos. A evolução dos indivíduos técnicos, tal como a evolução biológica é entendida por Simondon como uma diferenciação, um processo não linear que passa por descontinuidades não só em relação às formas que os seres assumem, mas também em relação à maneira como trocam energia com outros sistemas e alteram a sua forma de funcionamento. De comum entre as várias formas de um ser individualizar-se está o fato de que, numa relação de figura e fundo, uma forma emerge de um fundo e depois, partindo de um ponto, se propaga. Essa propagação é o processo de individualização em curso que diz respeito ao modo como qualquer coisa vem à luz, seja um organismo animal, um objeto, uma máquina, um ser humano; é como se constitui um indivíduo a partir de um fundo pré-individual, é como algo se torna uma entidade separada a partir do mundo que o cerca.

A concretização para Simondon guarda a lógica da individualização aplicada aos objetos técnicos: é o processo pelo qual os objetos técnicos adquirem existência e chegam a se

---

5 A tradução é de nossa responsabilidade.



concretizar como tal, assumindo cumulativamente uma coerência interna que os deixa mais sinérgicos e mais ajustados, constituindo-se de forma mais orgânica e compatibilizada com o que está ao seu redor, ampliando-se os procedimentos exteriores a ele assim como as possibilidades de seu devir. Para Simondon, a concretização é a ontogênese do objeto técnico que pode ser descrita como um processo através do qual ele adquire um tipo de autonomia e individualidade, como uma realidade humana que sobrevive nele: é o humano cristalizado, em coevolução, sem que um esteja subjugado ao outro num meio associado onde ambos evoluem em correlação. Nesse processo, a articulação dos componentes do objeto não depende dos interesses dos inventores/construtores, mas das tendências sinérgicas que ocorrem de forma imprevista e não intencional, ideia que se aproxima bastante do conceito de instauração de Souriau<sup>6</sup>. O desenvolvimento dos sistemas técnicos depende dos ajustes que vão ocorrendo durante a sua construção através do diálogo entre homens e máquinas, num devir sempre em aberto. Traduzindo as ideias de Simondon, Rodriguez (1958/2007) pontua que "concretizar, como individuar, é resolver uma tensão existencial que, no caso do técnico, é uma dificuldade de funcionamento" (p. 12). Um objeto técnico se autonomiza quanto mais ele se individualiza, ou seja, quanto mais indivisível e plurifuncional ele fica, quanto mais ele se torna sensível à informação que o meio associado lhe provê e o deixa na condição de indeterminação e devir, aproximando-o do ser biológico. Stiegler (citado por Neves, 2007) diz que essa margem de indeterminação tornaria a máquina sensível à informação externa, ao funcionamento de outras máquinas e à ação do homem, permitindo-lhe a integração a outros conjuntos técnicos entre os quais o homem teria o papel de organizar seu funcionamento.

### **A herança de Simondon no pensamento sociotécnico de Latour**

Simondon teve poucos seguidores, mas é inegável a sua marca sobre o pensamento de Latour, principalmente no que se refere ao caso particular da técnica. Em MEOT, Simondon altera drasticamente a maneira negativa como os objetos técnicos eram até então encarados. Para ele, quando a cultura rejeita o objeto técnico como parte integrante de suas práticas, também rejeita uma parte importante da própria realidade humana: os objetos técnicos seriam mediadores entre a natureza e o homem, negando a própria dualidade entre eles. Essa ideia está presente e disseminada em toda a obra de Latour e, em especial, no artigo *On technical Mediation: Philosophy, Sociology and Genealogy* (1994) cujo texto aparece reeditado no capítulo 6 de *A esperança de Pandora* sob o título *Um coletivo de humanos e não humanos*. No

---

6 Trata-se de uma noção fundamental no trabalho de Étienne Souriau quando se pretende conhecer uma obra a fazer, evitando-se escolher o que vem do artista e o que vem da obra, como um convite, uma sugestão, ou mesmo uma imposição. Dizer que uma obra de arte é instaurada e não construída seria ter o "artista" menos como um demiurgo e mais como "aquele que acolhe, que prepara, explora, inventa - assim como inventamos um tesouro - a forma da obra" (Latour, 2007, p. 9).



*labirinto de Dédalus* de onde retiramos a citação abaixo:

Conceber a humanidade e a tecnologia como polos opostos é, com efeito, descartar a humanidade: somos animais sociotécnicos e toda a interação humana é sociotécnica. Jamais estamos limitados a vínculos sociais. Jamais nos defrontamos unicamente com objetos. Objetividade e subjetividade não são polos opostos. Elas crescem juntas e crescem irreversivelmente (Latour, 2001, p. 245).

Em MEOT, Simondon se propõe a fazer uma genealogia do objeto técnico, mostrando a sua articulação com outras realizações humanas, ao mesmo tempo em que busca desconstruir alguns equívocos que levam ao pensamento de que as técnicas instalariam uma superioridade das máquinas sobre os humanos. Na genealogia das técnicas, identifica os elementos técnicos (as ferramentas utilizadas pelo humano), os indivíduos técnicos (as máquinas que trabalham sem nossos corpos) e os conjuntos técnicos (oficinas, fábricas, lugares que reúnem elementos e indivíduos técnicos, formado uma ambiência técnica onde trocas são realizadas). Segundo Simondon, o objeto técnico jamais seria um elemento fechado em si mesmo, pois estaria suscetível a relacionar-se tanto com outras realidades técnicas como com realidades humanas. Latour (2001) também se propõe a realizar o que chamou de pragmatogonia mítica, narrando a "gênese das coisas" (p. 202), na tentativa de capturar, em vários níveis (onze ao todo), os movimentos pelos quais os humanos intercambiam propriedades com não humanos através da delegação técnica. Latour nos mostra as várias formas como os humanos foram engenhosamente criando híbridos com os não humanos para responder aos problemas colocados pela sobrevivência, numa sequência inversa à cronológica em que o primeiro é o nível da ecologia política - quando as tecnologias permitem controlar vastos conjuntos de não humanos, até o último nível - o da complexidade social, em que nossos ancestrais primatas não estavam livres do uso de ferramentas e técnicas.

Para Andrew Iliadis (2013c), Latour herda mais de Simondon no projeto que anima sua nova obra do que podemos encontrar nos seus escritos, uma vez que restringe suas referências apenas ao livro *Du mode d'existence des objets techniques* no que concerne à técnica, deixando de fora as referências a outros de seus trabalhos, especialmente em *L'individu et sa genese physico-biologique - IGFB* (Simondon, 1964/1995), onde Iliadis constata toda a riqueza do pensamento do filósofo que aparece nos modos de existência latourianos.

As escassas e explícitas referências a Simondon nos trabalhos de Latour aparecem nos artigos *Sur un livre d'Etienne Souriau: les différents modes d'existence* (2007) e *Prendre le pli des techniques* (2010). No mesmo ano do lançamento da *Ênquete* (2012), numa entrevista concedida a Lemos (2013), Latour declara uma maior afiliação a Étienne Souriau, estando a proximidade entre seu novo livro e o livro de Simondon restrita à expressão "modo de existência". Assinala o pioneirismo de Simondon como um filósofo das técnicas, tão



instigante quanto pouco lido, embora não faça jus aos conceitos que parecem inspirar várias de suas ideias.

Latour (Lemos, 2013) convoca Simondon, mais precisamente no capítulo oito da segunda parte que recebe o título "Tornando visíveis os seres da tecnologia" (2012, pp. 215-239 da versão em francês e 2013, pp. 2005-227, na versão em espanhol) e lá reedita integralmente o texto de *Prendre le pli des techniques* (2010). Nesse capítulo, fala das técnicas como um modo de existência, apontando para o fato de que as técnicas, cuja eficácia é frequentemente exaltada pelos modernos - ao mesmo tempo "orgulhosos e ignorantes" delas - ocupam muito pouco espaço nas obras criadas pelos seus pensadores. O autor lamenta que os modernos tenham perdido a capacidade de se questionar sobre o papel das técnicas em suas vidas, deixando-as tão familiares como invisíveis, sem se deterem no que efetivamente guardam de nossa humanidade. Logo as técnicas que têm propiciado instrumentos para um maior alcance nas conquistas da ciência.

Uma ideia tomada de Simondon e pouco explorada é a de que os seres da técnica são versões particulares dos seres da magia. Latour reconhece em Simondon o mérito de ter sido um dos primeiros filósofos a desenvolver uma tecnogênese e a pensar na transição dos objetos mágicos aos objetos técnicos. Na unidade de um mundo primitivo e mágico, sujeito, objeto e mundo formavam uma rede de pontos de concentração de energia, espaços e tempos onde não estavam diferenciados. A vivência ocidental, segundo Rodriguez (1958/2007), foi responsável pela separação, desse mundo mágico em que tudo estava unificado, em dois aspectos, um subjetivo na experiência da religiosidade e outro objetivo na experiência técnica. Por essa razão, é que Simondon considera que o objeto estético<sup>7</sup> seria uma recordação dessa ruptura que se fez nesse mundo mágico unificado, a meio caminho entre a experiência da tecnicidade e a da religiosidade: "Tanto o sacerdote como o objeto técnico, provenientes da religião e da técnica, no espaço da religiosidade e da tecnicidade, são simplesmente emergentes do mundo mágico rompido", diz Rodriguez (1958/2007, p. 22).

Citando Simondon (1958/2007) a esse respeito:

A tecnicidade que se manifesta por meio do emprego de objetos pode ser concebida como algo que aparece em uma estruturação que resolve provisoriamente os problemas colocados pela fase primitiva e original da relação do homem com o mundo. Pode-se denominar esta primeira de *fase mágica*, tomando esta palavra no sentido mais geral e considerando o modo mágico de existência como aquele que é pré-técnico e pré-religioso, imediatamente acima de uma relação que seria simplesmente a de um ser vivo com seu meio (p. 173).

A tecnicidade aparece como uma estrutura que resolve uma incompatibilidade: especializa as funções de figura, enquanto que as

---

7 Em Meot, Simondon se volta contra a perspectiva utilitária do objeto técnico que, ao contrário do objeto estético não é considerado nem como parte da cultura, nem concebido como uma invenção que guarda aspectos de nossa humanidade (Corbanezi, 2012).



religiões, por outro lado, especializam as funções de fundo; o universo mágico original, rico em potenciais, se estrutura desdobrando-se. A tecnicidade aparece como um dos aspectos de uma solução dada ao problema da relação do homem com o mundo, sendo o outro aspecto simultâneo e correlativo a instituição das religiões definidas (pp. 173-174).

Na tentativa de resolver as tensões que se instalam na relação com seu meio original, os humanos buscaram projetar seus corpos (objetivamente, na parceria com as técnicas que fazem a sua mediação com o mundo) e mentes (subjetivamente, com o surgimento da religião, numa expansão a outras entidades), em uma dinâmica entre figura e fundo tão cara às explicações de Simondon. Nesse movimento, é o ser defasado que busca ultrapassar sua incompletude transcendendo a si próprio, num caminho pleno de alterações. A transcendência no processo de individuação de Simondon - que prevê a metaestabilidade dos seres fasados - encontra ressonância na afirmação que faz Latour (2012) no fragmento:

Diremos que todos os modos de existência são transcendentemente uma vez que há sempre um salto, uma pausa, um deslocamento, um risco, uma diferença entre uma etapa e a seguinte, uma mediação e a seguinte,  $n$  e  $n+1$  ao longo de um caminho de alterações (p. 218).

As transcendências abundam uma vez que entre dois segmentos de um curso de ação há sempre uma descontinuidade em que se forma, de qualquer modo, o preço, o caminho e a preservação da vida. São elas que precisamos, a cada vez, aprender a nomear (p. 219).

A transcendência é um salto sobre o hiato, o que possibilita seguir um rastro sem perder o caminho a cada vez que a trilha é interrompida. Para Latour, graças às transcendências, podemos dispor de um maior arsenal para pensar na pluralidade dos modos de existência e para pensar nas técnicas como derivadas dos seres da magia. Para seguir as redes sociotécnicas, seria preciso mais do que imaginar os seres da técnica como provindos apenas de dois domínios, o social e o técnico. Os sistemas técnicos guardam mais que elementos técnicos e são o resultado de redes que transitam por muitos domínios em segmentos de diversas disciplinas e nem sempre estarão remetidos ao trabalho sobre a matéria. Ao reconstituir o trajeto de qualquer inovação técnica, precisamos ultrapassar várias descontinuidades necessárias para ter a continuidade de uma ação em curso. São essas descontinuidades a compor a heterogeneidade dos sistemas técnicos que emergem de um traçado cheio de situações imprevistas. A delegação que fazemos à ferramenta mais rudimentar produz modificações no curso de nossas ações e esse desvio se tornará indispensável no encadeamento com seres de cuja parceria precisamos para nos manter. Latour retoma o comentário feito em *Esperança de Pandora* (2001) quando contrapõe *métis* e *episteme*, assinalando que as trajetórias técnicas são difíceis de apreender por causa do seu caminho labiríntico, da quantidade de desvios necessários na busca de soluções para os problemas mais banais, como num ziguezague eclipsado numa caixa preta.





Quando falamos de uma “infraestrutura técnica”, designamos sempre uma mistura mais ou menos bricolada de dispositivos vindos de todos os lugares que outros procuram tornar irreversíveis aos lhes proteger da análise, fazendo-a uma caixa preta cuidadosamente selada e oculta (Latour, 2012, p. 221).

O passe de mágica aparece nessa ocultação (o "duplo clique") que deixa obscura a cadeia de ações que "resolvem" um problema técnico, fazendo desaparecer toda a complexidade requerida para dar conta dele. "A técnica procura se fazer esquecer" (p. 225), diz Latour (2012). Sob o manto de sua eficácia, se encontram todos os invisíveis que concorreram para que a cadeia se formasse e obtivesse determinados resultados. O duplo clique remete à obviedade da técnica, do fato de tomar seus efeitos como rotinizados/ automáticos sem procurar saber como se chegou à determinada solução. Para nos endereçar aos seres da técnica e entender como as coisas chegam a ser o que são em suas trajetórias singulares, seria necessário evitar cair nas armadilhas do duplo clique. São essas cadeias que os modernos precisariam reconstituir para dar às técnicas um estatuto mais digno, para não olhá-las como simples meios para a obtenção de um fim. Isto não significa, entretanto, dizer que os invisíveis estariam no espírito humano - ou atribuídos a um "contexto social" - concedendo-lhe o papel de criador. Para Latour, se os modernos foram capazes de omitir as cadeias das referências que produziram o conhecimento objetivo, também foram capazes de omitir as cadeias que instauraram os objetos técnicos.

Sobre a técnica e a ideia de progresso dos modernos Simondon (1958/2007) nos diz:

Uma parte do sentimento de eficácia da magia primitiva se converteu na crença incondicional no progresso. O objeto técnico ou de ar moderno está revestido de um poder de eficácia quase sobrenatural. O sentimento do moderno encerra algo da ordem da crença em um poder ilimitado e polivalente de um objeto privilegiado (p. 114).

Para o objeto técnico, Latour propõe o mesmo movimento que nos instiga à descrição/mapeamento do "social": jamais tomá-lo como óbvio, sempre procurar as conexões, mesmo invisibilizadas que lhe possibilitaram emergência, e seguir o labirinto. Por invisíveis não se refere a qualquer elemento irracional, mas para fazer justiça aos obstáculos e desvios encontrados nesse caminho cheio de brechas e desvios, diferente do caminho lógico da *episteme*, supostamente reto. Nesse sentido, como forma de melhor conhecer esses desvios da técnica e melhor conhecê-las em seus modos de funcionar, Simondon sugere, como estratégia formativa para os humanos, uma iniciação às técnicas, da mesma forma como há uma iniciação às ciências, destacando a importância de uma ciência das correlações e transformações a que nomeou com a expressão *tecnologia geral* ou *mecanologia*.

Tomando importância do conhecimento das técnicas como um exercício fundamental de alteridade para que humanos se experimentem seres-enquanto-outros de Latour (2012)





escreve:

técnica não designa um objeto, mas uma diferença, uma exploração totalmente nova do ser-enquanto-outro, uma nova declinação de alteridade. Simondon, ele também, debocha do substancialismo que, aqui como sempre, perde o ser técnico. Para tomar emprestado de Tarde um dos belos vocábulos que ele opõe à única pesquisa de identidade: qual é portanto a avidez própria ao modo de existência técnica? (p. 231)

Para Latour (2012), assim como para Simondon (1958/2007), todos os modos de existência exploram a alteridade e a técnica não foge a esta lógica. Para o primeiro, a técnica deriva de dois outros modos de existência explorados na *Ênquete*: o modo da metamorfose<sup>8</sup> (para dele extrair sua potência) e do modo da reprodução<sup>9</sup> (para dele extrair novas capacidades). Nessa combinação, vê nas técnicas uma das faces da magia a que se referiu Simondon. Como estabelecer a continuidade de uma pedreira, uma floresta, um areal e todos os componentes que fizeram parte da construção de uma casa sem pensar na metamorfose que sofreram esses elementos para assumir outras novas e várias configurações? Latour (2012) fala de transmutação, de transformação, de "truque", somente possível porque esses elementos souberam sugerir aos seus fabricantes novas formas de existência. A transformação, que se faz a custa de desvios, destrezas e habilidades da *métis*, não se esgota na metamorfose. Torna-se necessário também fazer perdurar essas obras ao longo do tempo, ultrapassar a curta existência dos humanos apelando para a dureza dos materiais. E é nesse ponto que a técnica se torna um modo misto de existir e toma emprestado também dos seres da reprodução a sua capacidade de se projetar no tempo, de persistir, sendo "o que faz manter duradouro, como se o congelasse, um dos movimentos da metamorfose" (p. 222). O que não quer dizer que o conjunto de elementos híbridos que resulta dessa mistura de modos de existir se mantenha sempre coeso. Os elementos se emprestam, se agenciam, se misturam, se potencializam, mas podem também se dispersar como ocorreria com qualquer outro grupo de elementos. Agregar e desagregar são movimentos constantes que produzem diferenças nas redes. O que é mais notável no argumento de Latour (2012), com ampla repercussão nos debates contemporâneos travados na interface dos campos da Psicologia e da Tecnologia, é a ideia de que "pela técnica, o ser-enquanto-outro aprende que ele pode ser ainda mais infinitamente *alterado* como até aqui não acreditávamos" (p. 233).

Latour (2012) inverte a pergunta "o que é o *ser* ou a *identidade* de X ou Y?" para uma

---

8 O modo da metamorfose é um modo de existência original que prevê uma mudança de forma deflagrada por aquilo que invade, transporta, transforma, deforma os seres, tomando-os enquanto outros; é "uma forma de continuidade obtida pelo salto, passe, hiato, através de uma descontinuidade vertiginosa" (2012, p. 206).

9 O modo da reprodução é descrito por Latour (2012) como "um modo de existência pelo qual uma entidade qualquer atravessa o hiato de sua repetição, definindo assim, de etapa em etapa, uma trajetória particular, o conjunto que obedece a condições de felicidade particularmente exigentes: ser ou não mais ser!" (p. 104). Os seres da reprodução são caracterizados por sua persistência, por sua obstinação, por sua insistência, por sua manutenção.



outra questão: “Como nos endereçar aos seres ou às alteridades, as alterações X ou Y?” (p. 225), reafirmando, em nosso entender, o propósito de Simondon em seu estudo sobre os modos de existência e o processo de individuação. Latour se coloca contrário ao título do livro de Simondon, pois entende que, ao invés de se endereçar ao "modo de existência dos objetos técnicos", deveria estar remetido ao modo de existência da técnica, dos seres técnicos eles mesmos, uma vez que esta é de fato a proposta principal do livro, como argumenta Simondon:

O que haveria de conhecer então é a gênese de toda a tecnicidade, a dos objetos e a das realidades não objetivadas e toda a gênese que implique ao homem e ao mundo da qual a gênese da tecnicidade seja talvez uma parte débil, respaldada e equilibrada por outras gêneses, anteriores, posteriores ou contemporâneas, e correlativas a dos objetos técnicos (Simondon, 1958/2007, p. 171).

Não se trataria de encontrar o modo de existência do objeto técnico, mas da necessidade de procurar o que está sempre ao lado dele, entre ele e sua procedência, no interior dele mesmo, entre cada um dos componentes dos quais ele é apenas a reunião momentânea. Falamos de procedência e não de origem, pois, para Simondon, a busca ontológica é genealógica e não identifica um princípio no tempo, mas processos de individuação se fazendo.

Na tentativa de qualificar o modo de ser da técnica, retirando dela a ideia de "controle, de transparência e de racionalidade que provaria a dominação do homem sobre a matéria" (p.235), Latour (2012) a define como uma "dobra". Por dobra, entende-se a capacidade de curvar, de interromper, de desviar outros modos de existência a partir de uma astúcia, um diferencial de materiais. Latour explode a noção de técnica, subvertendo o entendimento feito pelo senso comum, ao pensá-la como uma dobra astuciosa que traduz, desloca, esconde um processo de metamorfose sob um resultado passível de se reproduzir, de resistir ao tempo, estendendo essa condição a outros conjuntos nem sempre vistos como técnicos: costumes musculares, derretimento em fusão de altos fornos, técnica literária, estratégia jurídica, enfim, a técnica se fazendo presente onde quer que possamos encontrar resistência e heterogeneidade dos componentes de um determinado agregado que nos provoque a dobrar e diferenciar. Os vivos com toda a complexidade de seus sistemas também são entendidos como seres técnicos, em trocas laboriosas e engenhosas em um ateliê gigante, a "Senhora Natureza". Os deslocamentos no tempo, no espaço e nos atores são prerrogativas que encontramos nas técnicas. Outros, antes de nós, se serviram de materiais e neles realizaram suas dobras perenizando ações de um aqui e agora. Da mesma forma, seremos nós a deixar para os que vierem a seguir as marcas de nossas ações sobre a matéria, cristalizando os efeitos que ela produziu em nós.

Outra prerrogativa das técnicas, para Latour (2012), é dissolver os polos que



pressupõem autor e obra, confundindo-os totalmente e tirando do humano o papel de criador, uma vez que as técnicas o precederam, sendo ele mesmo engendrado por delicadas técnicas. Fica evidente nesta formulação de Latour a ideia de instauração de Souriau e a crítica ao hilemorfismo feita por Simondon. Para caracterizar o movimento de coengendramento dos seres em relação ao meio do qual emergem, Simondon desloca o binômio matéria x forma para uma dinâmica de figura e fundo. Assim, tenta ultrapassar as concepções substancialistas (de que há uma substância prévia a todas as coisas) e hilemórficas (de que as coisas surgem pelo encontro entre uma forma pré-dada com uma matéria já existente). Em ambas as concepções, o germe já estaria dado em seu início e as entidades só se desenvolveriam a partir do que estava previsto, pressupondo a ideia de um criador. Na dinâmica figura e fundo, proposta por Simondon, obra e meio do qual emerge se alternam e se modulam na criação. Em Latour (Lemos, 2013), encontramos um movimento análogo:

Eis porque era preciso desconfiar tanto do conceito de "ação sobre a matéria" que arriscava de colocar o ponto de partida nas profundezas de um sujeito humano em lugar de esperar que esse sujeito humano emergisse de suas obras – pronome possessivo bem injustificado uma vez que ele não controla mais do que ele possui (p. 237).

Para os autores (Souriau, Simondon e Latour), não há um criador em quem se situa a origem da ação, alguém de quem emana um plano para a modificação da matéria, aquele que conduz soberanamente um processo de fabricação. A matéria resiste, impõe desvios e mudança de planos, ensinando ao "fabricante" novas maneiras de abordá-la, de dobrá-la e de com ela fazer parcerias. Para Latour (Lemos, 2013), somos filhos de nossas obras e com elas aprendemos a ser quem nós somos. A recusa da centralidade do humano já estava presente no pensamento de Simondon, uma vez que para ele, não há uma dicotomia entre humanos ativos e superiores e objetos passivos e inferiores. Humanos e objetos estariam numa mesma história de coengendramento e coevolução.

Os objetos, tal como os humanos, são reservatórios de informação, carregam significados e nos dizem sobre o agrupamento humano ao qual pertencem/pertenceram. Simondon nos diz que, pelo exame dos objetos (sua forma, seus materiais, a técnica utilizada em sua confecção), é possível falar do estado das técnicas de um tempo. É essa informação condensada nos objetos que nos emociona quando contemplamos uma obra de arte com mais de meio século, que leva às lágrimas o paleontólogo que encontra, durante suas buscas, uma peça cuidadosamente trabalhada na Garganta do Olduvai<sup>10</sup>, como no exemplo evocado

---

10 Importante sítio paleontológico e arqueológico localizado no leste da África, mais exatamente no norte da Tanzânia. Trata-se de uma grande depressão que compreende cerca. de 2900km, onde a tectônica e a erosão deixaram a descoberto sedimentos de uma antiguidade compreendida entre um pouco mais de 2 mil anos até por volta de uns 15 mil anos. Por terem sido achados restos de nossos antepassados, a região é conhecida



por Latour (2012). Que técnicas teriam propiciado a instauração de tais obras? Que ferramentas e materiais teriam estado disponíveis para a parceria com os humanos nas épocas que emergiram? Quanta informação condensada em objetos exibidos em museus ou perdidos sob camadas de terra! Para o autor (Simondon, 1958/2007), a técnica jamais poderia ser estranha ao homem, pois carrega as marcas de sua produção, tem uma genealogia e formas singulares de evolução e de devir.

### **Um diálogo possível entre Simondon e Latour**

As equivalências entre conjuntos de ideias sempre soarão empobrecedoras pelo risco de limitarem o escopo das obras, reduzindo-as ou submetendo-as uma a outra. Hui (2013) e Iliadis (2013c) consideram, entretanto, a possibilidade de tornar possível um diálogo entre Simondon e Latour, ainda que ficcional, uma vez que ser ficcional também é um modo de existir. Seguindo os passos dos próprios autores estudados, optamos pelo trabalho de fronteiras, apontando analogias e ressonâncias: ao se tocarem nas interfaces os dois conjuntos de ideias poderão produzir resultados inéditos ao se fecundarem reciprocamente na resolução de tensões para constituir um modo de conhecer tão mais rico quanto mais articulado. Ao estudarem os modos de existência, tanto Simondon quanto Latour vão muito além da técnica, pois partem da questão ontológica para colocar em xeque as formas de fazer ciência assim como a maneira de olhar o mundo, gerando implicações em como alguns campos disciplinares, no nosso caso a Psicologia, categorizam seus objetos de estudo ao estabelecerem padrões de normalidade, divisões entre o normal e o patológico, ou mesmo ao delimitarem as fronteiras do que chamamos de humano.

Em MEOT, Simondon vai contar muito além de dois modos de existência, uns encadeados nos outros, partindo da premissa de que o conhecimento do mundo não precisa dividir as realidades em apenas duas - do sujeito e do objeto - e de que há uma pluralidade de modos de existir, cada ser devendo ser respeitado pelo que é. Limitar quais e quantos modos de existência poderiam compor um mundo comum não faria jus a uma boa postura do cientista ou do filósofo cuja tarefa seria cuidar para que nenhum tipo de existência fosse desperdiçado. Falar sobre os modos de existência, para o autor, não tem como objetivo definir uma ontologia geral, pois todos os modos têm igual dignidade e são o resultado de uma história em processo. Segundo Latour, é essa a ideia que faz “toda a originalidade dessa estranha aventura intelectual totalmente original” (2007, p. 5) empreendida por Simondon, uma vez que este entendeu que a questão ontológica poderia escapar do substancialismo, do conhecimento único, da obsessão pela bifurcação e ser colocada mais em termos de vetores, de preposições, de conexões.

---

como “berço da humanidade”. ([www.fotonostra.com/albums/africa/olduvai.htm](http://www.fotonostra.com/albums/africa/olduvai.htm), [historiageneral.com/2014/02/19/la-garganta-de-olduvai-cuna-de-la-humanidad](http://historiageneral.com/2014/02/19/la-garganta-de-olduvai-cuna-de-la-humanidad)).



Através do exame de como as técnicas modulam os diversos modos de existir, Simondon traz em seu trabalho uma preocupação ética em relação à maneira como são tratados os indivíduos em seu devir. A questão ética perpassa também a obra de Latour que, no caso específico das técnicas, explicitamente as coloca como responsáveis pelos fundamentos da moralidade de nossas sociedades (1996; 1999). Num momento de intensas trocas entre humanos e técnicas, os dois autores nos convocam a reformular nossas questões para a constituição de um mundo plural e comum em que novas entidades não cessam de surgir e reivindicar o seu direito à existência (Latour, 2003).

Para Latour (2007; 2012), o modo de existência é a chave para o que chama de pluralismo ontológico, compondo um sistema lógico alternativo para analisar a vida moderna e uma maneira de se contrapor a uma filosofia que propõe um modo de existência universal. Pensar nos modos de existência com Simondon é considerar o processo de individuação tanto dos seres vivos, como dos objetos técnicos, remetendo às maneiras de resolver continuamente suas tensões e incompatibilidades, de como interagem uns com os outros, de como se modulam nessa interação. No caso da tecnologia, o que se destaca em ambos é a proposta de estudá-la como alteridade, como diferença, como ser-enquanto-outro.

## Referências

- Andrade, T. (2006). Aspectos sociais e tecnológicos das atividades de inovação. *Lua Nova: Revista de Cultura de Política*, 66, 139-166.
- Corbanezi, E. R. (2012). Vida e técnica: ressonâncias do pensamento de Canguilhem em Simondon. *Informática na Educação: teoria & prática*, 15(1), 85-99.
- Deleuze, G. (2008). *Gilbert Simondon: o indivíduo e sua gênese físico-biológica* (L. B. L. Orlandi, Trad.) Valencia, Espanha: Pretextos. Recuperado em 3 de maio, 2015, de [www.4shared.com/web/preview/pdf/DMei1lpYba?](http://www.4shared.com/web/preview/pdf/DMei1lpYba?)
- Escóssia, L. (2012). Individuação e informação em Gilbert Simondon. *Informática na Educação: Teoria e Prática*, 15(1), 19-30. Recuperado em 20 de dezembro, 2014, de [seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/23699/19313](http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/23699/19313)
- Hui, Y. (2013). *On Latour and Simondon's mode of existence: fragments of a fictional dialogue yet to come*. Intervenção em Workshop sobre Latour@ Denkeri, 28 de janeiro, 2013. Recuperado em 26 de maio, 2015, de [digitalmilieu.net/?p=289](http://digitalmilieu.net/?p=289)intervention given in a Workshop on Latour@ Denkeri, 28 Jan
- Iliadis, A. (2013a). Informational ontology: the meaning of gilbert simondon's concept of individuation. *Communication +1*, 2(1), 1-19. Recuperado em 3 de outubro, 2014, de [scholarworks.umass.edu/cpo/vol2/iss1/5](http://scholarworks.umass.edu/cpo/vol2/iss1/5)



- Iliadis, A. (2013b). A new individuation: Deleuze's Simondon connection. *Media tropes eJournal*, 4(1), 83-100. Recuperado em 14 de novembro, 2014, de <http://www.mediatropes.com/index.php/Mediatropes/article/view/20385>
- Iliadis, A. (2013c). Latour on Simondon: un inquiry into modes of existence. *Ethics & Philosophy of Information*. Recuperado em 6 de outubro, 2014, de [philosophyofinformationandcommunication.wordpress.com/2013/09/22/latour-on-simondon-an-inquiry-into-modes-of-existence/](http://philosophyofinformationandcommunication.wordpress.com/2013/09/22/latour-on-simondon-an-inquiry-into-modes-of-existence/)
- Laterce, F. (2007). Individuação e humanismo técnico em Simondon. *Kalagatos: Revista de Filosofia (Fortaleza)*, 4(7), 177-189.
- Latour, B. (1994). On technical mediation: philosophy, sociology and genealogy. *Common Knowledge*, 3, 29-64.
- Latour, B. (1996). Do humano nas técnicas. Em R. Scheps (Org.). *Império das técnicas* (pp. 155-165). (M. L. Pereira, Trad.). Campinas, SP: Papyrus. (Original publicado em 1994).
- Latour, B. (1999). Morale et technique: la fin des moyens. *Réseaux*, 18(100), 39-58. Recuperado em 23 de agosto, 2005, de [www.bruno-latour.fr/sites/default/files/80-RESEAU-FIN-MOYENpdf.pdf](http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/80-RESEAU-FIN-MOYENpdf.pdf)
- Latour, B. (2001). *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos* (G. C. C. de Sousa, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Original publicado em 1999).
- Latour, B. (2003). *Un monde pluriel mais commun: entretiens avec François Ewald*. Paris: l'Aube.
- Latour, B. (2006). *Changer de société : refaire de la sociologie*. Paris: La Découverte.
- Latour, B. (2007). Sur un livre d'Étienne Souriau: les différents modes d'existence. *Agenda de la pensée contemporaine*, 7, 171-194. Recuperado em 12 de dezembro, 2014, de [www.bruno-latour.fr/sites/default/files/98-SOURIAU-FR.pdf](http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/98-SOURIAU-FR.pdf)
- Latour, B. (2010). Prendre le pli des techniques. *Réseaux*, 163(5), 13-31. Recuperado em 3 de fevereiro, 2015, de [www.bruno-latour.fr/sites/default/files/122-LICOPPE-PLI-TECH-FR.pdf](http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/122-LICOPPE-PLI-TECH-FR.pdf)
- Latour, B. (2012). *Enquête sur les modes d'existence : une anthropologie des modernes*. Paris: La Découverte.
- Levy, P. (2003). Plissê Fractal (S. Oliveira, Trad.). Em A. Lanceti (Org.). *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto* (pp. 24-37). São Paulo: Hucitec. (Original publicado em 1993).
- Lemos, A. (2013). Entrevista com Bruno Latour. Em A. Lemos. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura* (pp. 271-285). São Paulo: Annablume.





- Massumi, B. (2012). Technical mentality revisited; Brian Massumi on Gilbert Simondon. Em A. Boever, A. Murray, J. Roffe & A. Woodward. (Org.s). *Gilbert Simondon: being and technology* (pp. 19-36). Edinburgh: University Press.
- Neves, J. P. (2007). Seres humanos e objetos técnicos: a noção de "concretização" em Gilbert Simondon. *Comunicação e Sociedade*, 12, 67-82.
- Pelbart, P. & Costa, R. (2003). Apresentação. Em A. Lanceti (Org.). *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto* (pp. 11-14). São Paulo: Hucitec. (Original publicado em 1993).
- Rodriguez, P. E. (2007). Prólogo. Em G. Simondon. *El modo de existencia de los objetos tecnicos* (pp. 9-24). (M. Martinez & P. Rodriguez, Trad.s). Buenos Aires: Prometeu Libros. (Original publicado em 1958).
- Sarro, Ph. (2000). Retours en arrière. Gilbert Simondon - du mode d'existence des objets techniques : notes de lecture. *Publiscopie*. Recuperado em 12 de dezembro, 2014, [www.admiroutes.asso.fr/larevue/2000/2/simondon.htm](http://www.admiroutes.asso.fr/larevue/2000/2/simondon.htm)
- Serres, M. (1999). *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco.
- Simondon, G. (1989). *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier.
- Simondon, G. (1995). *L'individu et sa genese physico-biologique*. Grenoble, França: Jérôme Millon. (Original publicado em 1964).
- Simondon, G. (2003). A gênese do indivíduo (I. Medeiros, Trad.). Em A. Lanceti (Org.). *Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto* (pp. 98-117). São Paulo: Hucitec. (Original publicado em 1993).
- Simondon, G. (2005). A individuação à luz das noções de forma e de informação: introdução (P. P. Ferreira & F. A. Caminati, Trad.s). Em G. Simondon. *La individuation à lumiere des notions de forme et d' information* (pp. 23-36). Paris: Jérôme Millon. (Original publicado em 1958).
- Simondon, G. (2007). *El modo de existencia de los objetos tecnicos* (M. Martinez & P. Rodriguez, Trad.s). Buenos Aires: Prometeu Libros. (Original publicado em 1958).
- Souriau, E. (2009). *Les différents modes d'existence : suivi de l'oeuvre à faire*. Paris: MétaphysiqueS Puf. (Original publicado em 1943).
- Venturini, T. (2010). Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, 20(10), 1-17. Recuperado em 21 de agosto, 2014, de [www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2011/08/TV\\_BuildingOnFaults\\_FullText.pdf](http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2011/08/TV_BuildingOnFaults_FullText.pdf)



### **Nota sobre as auras**

*Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo* é doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Pós-doutoranda pelo PPGPSI da Universidade Federal Fluminense - UFF, Professora Associada do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ. E-mail: [fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com](mailto:fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com)

*Márcia Oliveira Moraes* é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Pós-Doutora pela Lancaster University/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: [mmoraes@vm.uff.br](mailto:mmoraes@vm.uff.br)

Data de recebimento: 19/09/2015

Data de aceite: 05/12/2016